

## Entrevista

**Zeze de Araújo<sup>1</sup>:**

### **“O Movimento Negro em Alagoas: Militância e História”**

*Por Irinéia M. Franco*

- 
- 1. Professor Araújo, por favor, gostaria que o senhor comentasse sobre sua participação no Movimento Negro em Alagoas; quais as pessoas estavam envolvidas e qual era o pensamento de vocês naquele momento.**

**Araújo:** O interessante do movimento negro em Alagoas é que enquanto movimento político-social ele só começou realmente na década de 1980. E tem uma característica talvez diferente de vários outros Estados. Inclusive essa diferença aparece em alguns trabalhos de alunos... O Jefferson e o Carlos Martins fizeram monografias sobre o tema. Eles são das Ciências Sociais. Fizeram sobre a questão do movimento negro em Alagoas e ambos não viram isso. Cada um deles também tem a sua versão. E a versão dos dois sempre é uma crítica de como o movimento negro atuou e começou a atuar aqui em Alagoas. Talvez eles não percebam, ou não quiseram fazer um trabalho anterior à presença do movimento negro; é que não existia movimento negro em Alagoas tal como estava organizado no Brasil. Também o movimento negro no Brasil começou na década de 1970. E é uma coisa nova, uma organização nova. E outro fato que as pessoas não percebem aqui em Alagoas é que o movimento negro surgiu como resultado de um processo da organização da sociedade brasileira. Outros movimentos também surgiram. O Lula é dessa época, os sindicatos também são dessa época. Os movimentos da Igreja também são dessa época. As pessoas não percebem. Então, esse movimento, ele tem características muito particulares do lugar que surgiu. O Movimento Negro Unificado (MNU) surgiu em decorrência daquela discriminação que houve na cidade de São Paulo, de dois negros que foram discriminados. Aí eles sentiram a necessidade em relação à discriminação. Aqui em Alagoas não. O movimento negro aqui surgiu dentro da Universidade Federal de Alagoas. Ele surgiu dentro da UFAL. E, ou felizmente ou infelizmente, comigo. Porque eu entrei na UFAL em três de março de 1980, como professor colaborador. E a minha entrada na universidade foi ótima, mas o processo da minha ascensão e confirmação como professor passou pela questão da discriminação, inclusive entre os meus próprios companheiros.

---

<sup>1</sup> Professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas. Professor-coordenador do Curso de História do CESMAC-AL. Pesquisador do NEAB-AL - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. Membro do Comitê Gestor do Parque Memorial Quilombo dos Palmares – 2008. Coordenador Pedagógico do Projeto Socialcultural do Parque Memorial Zumbi dos Palmares - Caminhos para o Intercâmbio Afro-latino -2008/2009. Parte de Entrevista realizada em 18/01/2011, NEAB, Maceió, Alagoas.

Eu fui monitor quase três anos na UFAL, fiz o curso em quatro anos. Terminei em 1979. Em janeiro de 1980 a Reni Gomide que era a diretora do nosso atual centro, perguntou se eu não queria ser professor de Antropologia do Brasil, que eram as disciplinas Antropologia do Negro, que era a II e a do Índio que era a I. Eu ia sair pra ficar desempregado, e me chamaram, antigamente era pra ser professor colaborador. Eu fui. “Três meses só Zezito enquanto o prof. Clóvis Antunes saiu pra fazer um curso, quando ele voltar você vai embora. Você aceita?”. E eu: “claro que eu aceito”. Quando terminou os meses foi uma fase de transição, de mudança do MEC, estavam reestruturando os professores e tudo. E o projeto era que em julho todos os professores colaboradores saíssem da universidade. O que ocorreu? Nesse período, voltou uma professora do mestrado. E eu estava lecionando para o curso de Serviço Social e Antropologia do Brasil II para o curso de História, eram duas turmas. E na turma de Serviço Social essa professora chegou para os alunos e disse que eu não poderia lecionar essa disciplina porque eu era negro e eu ia criar o racismo dentro da universidade. Como eu sempre me dei bem com os alunos e era garotão na época eles vieram comentar comigo. Pra você ver esse racismo aqui... E eu falava sobre a visão do negro daqui e era aquela visão do negro histórica, tradicionalista, Roger Bastide, Nina Rodrigues etc. Eu trabalhava com aquele material que tinha na UFAL. Lá no Sul a gente sabia que as coisas estavam mudando. Isso me chocou um pouco. Mas eu estava pensando muito mais no emprego, no trabalho, do que na questão do racismo. Mas, mexeu comigo porque nesse momento, eu nem pensei muito na questão do racismo, eu pensei que ela achava que eu não era capaz de lecionar. Pra você ver como eu não era negro até esse momento. Literalmente eu não era negro. “Será que essa professora pensa que eu não sou capaz de lecionar”? Isso também mexeu comigo porque eu fiquei um pouco retraído na universidade. Mas os professores me apoiavam, aqueles professores da “velha guarda”. Naquela época era FIH, o departamento de Filosofia e História e eu era o menininho querido dos professores, já que eu fui aluno de quase todos eles e era monitor. “Não Zezito, vamos continuar e não sei o que...” Aí, está certo. O que ocorreu? O prazo ia terminar, eu ia embora, não tinha problema, terminaram os três meses e automaticamente, o presidente, um desses generais aí, renovou o nosso contrato. Não houve demissão coletiva, porque eles não iam demitir em massa, então disseram que iam fazer um concurso em agosto. Aquele que passar permaneceria, aquele que não passar caía fora. Só que esse concurso era aberto à sociedade de uma forma em geral. Eu fiz o concurso pra Antropologia que era em Ciências Sociais e em História. Aí aconteceu um fato comigo. Essa dita professora estava na banca e me reprovou. Todos os outros professores me deram 9 e 10 e ela me deu 2. Em Ciências Sociais. Isso eu soube depois. Eu fui aprovado em História. Em agosto de 1980 eu fiquei efetivo então já como professor concursado. E, o interessante é que foi a partir daí que aconteceu todo o movimento negro em Alagoas, nesse mesmo mês de agosto.

Porque o Rondon vinha desde 1978 tentando resgatar a história da Serra da Barriga, através do professor Aluisio Galvão, ele era também um dos diretores do Rondon. Aí entrou nesse meio a EMATUR, empresa de turismo de Alagoas que funcionava na época. Então, o Rondon e a EMATUR tentaram promover aqui um seminário sobre a história do Quilombo dos Palmares. Evidentemente eles chamaram a UFAL para fazer isso, já que o prof. Aluisio Galvão era um dos diretores da UFAL. E o prof. João Azevedo [reitor à época] provocou o CNPq, a CAPES e o IPHAN. O Formiga era um dos dirigentes do IPHAN, e o prof. Aluisio Magalhães, esse nome é conhecido até hoje, foi ele que deu essa dimensão do patrimônio da cultura material e imaterial no Brasil. E, coincidentemente, trabalhava no IPHAN um amigo nosso, o Olímpio Serra. O Olímpio Serra perguntou para o Aluisio Magalhães: como eles queriam fazer um seminário sobre a história dos negros deixando os negros de fora? Porque a concepção nossa, digo nossa de Alagoas, era trazer intelectuais para pensar o Quilombo dos Palmares, deixando a negrada de fora. Talvez na cabeça deles nem existisse no Brasil intelectuais negros. Quando aí começou a repensar a idéia desse seminário. O Olímpio falou com o prof. João Azevedo, e eles resolveram convidar todo o movimento negro do Brasil. Então, no dia 20 de agosto de 1980, iniciou-se aqui esse seminário. É quando eu entro nessa história toda. Eu estou lhe repassando uma história que o Olímpio passou pra mim. Estava o Abdias do Nascimento na mesa, o Wilson Serra, o Joel Rufino. Aí o Abdias falou para o João Azevedo: “Prof. Azevedo nós estamos aqui com a representação negra de todo o Brasil e eu não estou vendo uma representação negra de Alagoas”. Foi a primeira provocação. Aí ele olhou assim, realmente não tinha. E o pior, disse o Abdias, “eu não estou vendo nenhum professor negro da UFAL aqui”. O prof. João Azevedo já me conhecia, aí alguém disse, “olha o Zezito está lá atrás”. Porque, inclusive eu soube do encontro, eu não fui convidado. O nosso departamento não foi convidado para participar desse fato histórico, desse encontro. Era um encontro feito pela Reitoria, foi feito pela Reitoria e nós não fomos convidados. Outros professores foram da geografia, mas nós não. O curso, o Departamento de História não foi convidado, mas eu soube que o encontro estava acontecendo. “Porque o senhor não vai?” O resto dos professores diziam: “eu não vou não, eu não vou não”. Ficaram chateados com o que aconteceu comigo. Mas, eu disse: “eu vou, que eu vou aprender lá”. Lembro que estava na última fila. Aí o professor disse o “Zezito está lá atrás, “eita é mesmo”, ele fala no microfone: “Zezito venha fazer parte da mesa”. Olha, quando ele disse que o Zezito está aí, eu me encolhi todinho lá atrás. Porque eu não me sentia como negro. E aquele ambiente era um ambiente que eu não me dava com ele, você imagine que esse auditório cabia umas 350 pessoas. Estava, literalmente, cheio de negros. Não eram brancos não, os brancos estavam na primeira fileira, que era as autoridades daqui, na mesa; o restante era negro, só negro; e eu estava lá atrás, no meio deles, e eu me sentia... Aí eu fui, sentei-me à mesa e aí começou toda a minha história. E a fala assim, eu não tinha postura. Falar de Zumbi, eu nunca tinha ouvido falar na minha vida, o que eu tinha ouvido falar era da alma do cavalo, do boi comum

nessa região, mas da história de Zumbi e da Serra da Barriga, eu nunca tinha ouvido falar. Olha que eu era do curso de história [risos]. A minha militância, ela começou a partir desse momento.

## **2. Como foi o seu processo de tomada de consciência?**

**Araújo:** Só quando eu comecei a fazer uma reflexão eu vi que tinha uma postura independente, desde adolescente, jovem, em função de alguns fatos que me discriminavam. Mas eu jamais pensei que aquilo era decorrência de eu ser negro, por exemplo, diziam assim pra mim: “mas o Zezito tem os dentes tão branquinhos”. Ora, evidentemente, se eu tenho a pele negra, os meus dentes serão diferentes, porque é o contraste; mas depois eu pude tomar consciência que os “dentes brancos” eram uma das “qualidades” por eu ser negro. Isso era muito comum. Agora quem falava isso eram as pessoas da classe média que me ajudavam, me auxiliaram na minha vida pregressa; sempre tive padrinhos brancos que sempre estavam ao meu lado. E eles começavam a me elogiar pela qualidade, não pela questão de negro. Um deles; fico até emocionado quando lembro; quando eu fui pedir um trabalho, me deu uma picareta. Aí eu disse assim: “eu não quero picareta não, que eu quero ser igual ao seu filho”, que eu brincava com ele. Ele disse: - “não, mas você não tem a instrução”. E eu: “tenho sim, eu já faço a oitava série!” Naquela época, eu não entendia que eu era pobre, que minha mãe era empregada doméstica. Então, era a exclusão. E vinha na minha cabeça, quer dizer, pra mim o lugar de negro era no jardim, era empregado doméstico. E é isso. Só que eu não aceitava, queria outra coisa. Mas era a visão que essas pessoas tinham e têm hoje da posição do negro na sociedade brasileira e alagoana. E se falava conformalmente, e eu não aceitava. Depois eu vim me dar conta porque eu era negro, era um adolescente negro que tinha que dar esse recado. Tudo isso me despertou depois desse encontro aqui. Eu participei de outro encontro no Centro Dom Adelmo Machado, que fica no bairro do Vergel, foi quando todos os meus paradigmas, valores foram quebrados. O encontro durou uma semana e eu era de Igreja, passei dez anos em colégio religioso, passei mais seis anos no exército e entre o exército eu vivia na igreja, eu fazia parte da Juventude Franciscana, que era orientar pessoas a converte-se ao cristianismo. E o que ocorreu: o encontro era organizado pelas irmãs; você imagina lá essa negrada se beijando, transando, olha as irmãs ficavam em choque [risos], as irmãs ficaram assim. Mas como era o Reitor da UFAL que tinha bastante dinheiro e pagou a hospedagem de todo mundo, nós passamos lá três dias dormindo. Foi assim um choque e um aprendizado para mim muito bom, eu comecei a conhecer as pessoas, o João Jorge, o Januário, as pessoas que tinham uma experiência na militância e também na academia, e, logo depois que terminou o encontro, eles perguntaram: “Zezito porque vocês não organizam um movimento aqui em Alagoas?” Eu sabia que não tinha movimento, que não tinha nada, então, eu percebia a dificuldade, a necessidade de organizar realmente esse movimento. Quando foi em 1981, eu tinha alguns amigos e convidei para fazer um movimento; só que esses amigos eram do

meu meio social, do meu meio cultural, eram as pessoas que eram professores da rede pública: a Fátima Viana, Vanda Menezes, Marcelino Dantas, Marcelino Silvestre. Foram essas pessoas que tinham um vínculo diretamente com o Estado, não eram profissionais liberais, que ministravam esse trabalho e foi a partir daí que começou o Movimento Negro. Agora, quem dava todo o apoio a isso, e que as pessoas não sabiam que era Movimento Negro, era o NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros.

### **3. Como foi, então, a articulação do NEAB com o Movimento Negro?**

**Araújo:** Naquela época, eu já era do NEAB. O professor João Azevedo trouxe o professor Délcio Freitas para criar – e não era nem NEAB – o Centro de Estudos Afro-Brasileiros aqui na UFAL. O professor Délcio era amigo, e eu comecei ajudando-o na organização do NEAB fazendo de tudo, transcrição de fita, etc. Assim comecei, ele me deu livros sobre a história do negro e eu comecei a ler. O NEAB foi criado comigo e com o professor Délcio Freitas. Eu que carregava a cadeira mais forte, o Délcio Freitas se expressava na intelectualidade. Depois de todo o atrito e dos problemas de ordem administrativa o professor Délcio Freitas se afastou do NEAB e foi embora, aliás, não era nem NEAB era CEAB ainda, Centro de Estudos Afro-Brasileiros. Em seguida, entrou o professor Rogério Gomes, que era diretor da Pinacoteca, foi excelente, mas não se afinou com a questão do negro, aliás, não tinha nada sobre o negro na Universidade fora a organização, não tinha espaço, não tinha sala, não tinha nada. Aí entrou o professor Marques Luterman. O Luterman passou também quase seis meses. Foi quando o professor João Azevedo, no final de 2001, eu já era concursado, tinha vinte horas, apresentou um convite do professor Aluísio Galvão. O professor Aluísio Galvão disse: “olha Zezito, nós estamos precisando dar vida ao NEAB e nós reformamos a casa Jorge de Lima, lá em União dos Palmares e o nosso pensamento é colocar o Centro de Estudos Afro-Brasileiro lá, você topa ir para lá?” Eu fiquei pensando também aqui no nosso movimento que a gente estava organizando: “olha professor não posso não que só tenho vinte horas, não tenho como sobreviver lá, aí expliquei?”. “Não tem problema não, agente resolve”. Falamos com o professor João Azevedo e eles me deram quarenta horas, dedicação exclusiva. Mas não era o paraíso não. Sem nada, não tinha nem espaço. Eu vivia mais fora lá em União do que aqui, não é? E fui para lá, briguei com os prefeitos, briguei para os vereadores, briguei mesmo, me expulsaram da câmara de vereadores, eu digo “não saio, eu sou professor da Universidade” e não saí não, eu sabia se eu saísse ficava desmoralizado. Então, nós iniciamos o Movimento Negro aqui organizando ao mesmo tempo com o NEAB. Inclusive, o trabalho que a gente realizava no NEAB dava apoio ao movimento, o que foi que nós fizemos: pensamos na questão da educação das grandes fábricas. Os militantes eram professores da rede, os que estavam chegando eram professores da rede, eu era também professor e a gente tinha já essa possibilidade de fazer esse

trabalho. O que foi que nós fizemos? Nós começamos um trabalho lá em União dos Palmares, em 1983, com a implantação de um projeto que era um desafio do Governo Federal, um projeto de interação, hoje tem muito a ver com o programa “Jovens e Adultos”; você fazia com que aquelas crianças aprendessem a ler e escrever com a realidade local, isso era um desafio! Quando nós começamos, falou-se da questão da terra, pegamos o Muquém [Quilombo] e o projeto não durou seis meses. O prefeito mandou parar porque estava fazendo a denúncia sobre a questão da terra, que eles perderam terra, etc; criou-se até uma escola no quilombo, aquela da casinha velha ali, foi uma escola criada por nós. Então, saía um movimento desses sempre vinculado ao NEAB. A UFAL e os professores tinham essa visão. Aliás o militante é professor, e não tinha, nesse momento não se falava em grupos culturais de matriz africana, só que existia.

Agora quem eram esses grupos culturais? É uma coisa que a gente não resgatou ainda. Olha, se você pega o livro de Abelardo Duarte, “O folclore negro em Alagoas”, na década de 1980, o que tinha em Alagoas era isso, a professora Marisa responde, e era ela que levava esses folguedos de matriz africana para União, era o quê? Era o Bumba-Meu-Boi, era a Taiêra, era a Baiana, Côco de Roda, nem Capoeira tinha nessa época. Nem a capoeira tinha nessa época com a dimensão que tem hoje. Era o folclore mesmo, alagoano, que nós do NEAB levávamos lá; isso não foi só um ano não, isso nós levamos em 80, 81, 82, 83. Quando o Ilê Ayê começou a vir em 81, vem em 82, 83 e veio depois o Musenga. Mas o grupo de Alagoas não existia não. O grupo de Alagoas começou a existir quando surgiu aquele grupo lá da Bahia que fez sucesso, o Olodum, aí que começou as pessoas a imitarem o Olodum. O Ilê Ayê já existia, mas ninguém imitava o Ilê Ayê que era coisa muito de negro e as músicas eram muito africanas, isso foi na década de 1990. O que ocorreu foi o surgimento desses grupos em função do trabalho do NEAB. Nós fazíamos o trabalho na periferia, e vários cursos aqui sobre a África. Trouxemos o Kabengele Munanga que passou quinze dias aqui fazendo curso, em duas etapas. Trouxemos o Wilson Barbosa; o professor Otavio Ianni; o professor João Batista, o Jaime Pinsk. Tudo foi o NEAB que trouxe. Aqueles que mais trabalhavam a questão negra no país, nós trouxemos aqui para Alagoas. Inclusive qual o foco que nós dávamos, de 80 a 90? Nós focamos o pessoal da rede do Estado, nós não trabalhamos com o município por que era muito complicado naquela época, só que os professores do município também eram do Estado, então, nós focamos na área da Educação; fizemos vários cursos aqui, e foi com isso que houve o desdobramento na periferia. Quando começaram a surgir os grupos de capoeira organizada, começou a surgir as bandas, até mesmo os grupos folclóricos da Universidade. Tudo isso foi em função do trabalho do NEAB e da Associação Cultural Zumbi.

#### 4. Como o senhor avalia o Movimento Negro hoje em Alagoas?

**Araújo:** Do Movimento Negro eu tenho uma experiência muito rica e boa da década de 1980, início da década de 1990; nós tínhamos alguns objetivos e até conseguimos alcançar alguns. E hoje, o Movimento Negro em Alagoas tem uma característica, que eu digo, posso até estar errado, eles usam da matriz africana para dizer que é Movimento Negro, mas não tem uma prática política de Movimento Negro. Porque, o que eu quero dizer com isso: eles não discutem dentro do seu momento, da produção cultural, a situação do meio alagoano, a situação do negro no Brasil. Alguns apresentam – não se pode negar – projetos pontuais para o governo, mas são muito vinculados a uma determinada organização. Por exemplo, o grupo do Pai Célio, que é um grupo muito bem organizado, eles levaram algumas reivindicações políticas, favoreceu a comunidade negra de uma forma geral, mas não houve, em contrapartida uma distinção na base dessa proposta que foi levada. Para alguns foi somente umas datas para o governo celebrar; não sei se é feriado ou não o que o pessoal do Pai Célio levou, mas isso não é discutido na base. O dois de fevereiro<sup>2</sup>, isso não é discutido. É tanto que agora, a festa que houve, não há mobilização do Movimento Negro. Há mobilização dos religiosos da Lavagem aqui do Bonfim; você vai a Salvador, a Lavagem do Bonfim não é dos religiosos, é da população negra de Salvador. Então, por isso digo que não há Movimento Negro, há grupos que utilizam da matriz africana para fazer cultura. A capoeira é muito isso, e até os meninos recentes que não tem essa estrutura. Têm alguns grupos de danças, também, e eu não vejo essa discussão é a dança pela dança. Inclusive, veio um menino da Paraíba, quase uns três meses que ele chegou aqui e disse: “eu pensei que Alagoas tinha crescido, mas o pessoal continua vendo a cultura negra pela cultura negra e não avança no aspecto político”. Ele conseguiu fazer algumas falas, mas alguns continuam com o discurso de cultura pela cultura e não avançam, não querem fazer o diálogo com o Estado e tudo, infelizmente ainda temos essa situação.

#### 5. Professor, a partir de sua experiência no Movimento Negro, o que você percebe de avanço ou recuo, em relação ao racismo e da possibilidade de lutar contra essa prática, essa ideologia?

**Araújo:** Eu acho que o racismo no Brasil, ele não diminuiu e jamais vai diminuir. Eu não acredito. Eu acredito que a sociedade, principalmente, o Movimento Negro está tomando consciência dos seus valores e dos seus direitos, aí sim. A gente está mais fortalecida para combater coletivamente. A mídia tem contribuído muito nisso. Então, as pessoas, agora, percebem que tem, através do Estado, um direito assegurado que vai generalizar. Aqui mesmo em Alagoas nós tivemos isso; vai fazer uns 15 dias, uma senhora foi para uma cabeleireira e foi discriminada. Ela foi, denunciou e a

---

<sup>2</sup> O dois de fevereiro é a data que marca o Quebra-Quebra dos terreiros de Xangô em Maceió no ano 1912. Ela é utilizada como momento de luta contra a intolerância religiosa no Estado.

polícia chegou lá. A filha tentou passar a mão, dizendo que a mãe estava doida, que estava tomando remédio controlado, nervosa. Eu acho que o importante foi a denúncia. E o Ministério Público, que é o órgão de fiscalização, vai até o final, se isso foi mentira dela ou não, ela será penalizada, agora, vamos até o final verificar. Outro menino também foi discriminado, um segurança, num festival que houve aqui, me parece que foi num show da Ivete Sangalo, e cinco rapazes, eles estavam brigando dentro, esses rapazes de classe média, e o segurança chamou, educadamente, inclusive, só que esses seguranças são “brutamontes”, mas ele tirou, aí quando ele colocou os cinco rapazes fora, eles começaram a gritar: “Negro safado” e mais. Qual a diferença? O que fez? Aí ele foi fazer a denúncia. Para mim a mudança que está havendo na sociedade brasileira é que alguém que o viu ser vítima da agressão, foi lá testemunhar a favor dele, dizendo que aqueles rapazes discriminaram, o chamaram de “negro safado” e o delegado prendeu, os rapazes ficaram presos. Antigamente, você não tinha isso. Alguém chamava de negro, você nem ouvia que era chamado, era mal tratado e tudo. E para ser testemunha pior ainda. Porque na medida que você tem alguém que vai testemunhar, que alguém foi vítima da agressão de racismo, pode ser um avanço enorme da sociedade brasileira. Isso que eu estou dizendo não vai acabar. No entanto, é um processo educativo, aquele que vai xingar o outro vai pensar duas vezes. Eu acho que isso é um grande ganho, desse processo da lei, ir para uma delegacia se expor, dar o nome das pessoas, acho que, às vezes, eles fazem isso para não pagar uma bucha ou ir para o xadrez. E a população independente de ser vítima, daquilo que é ser negro, está tomando consciência de que alguém foi vítima daquele preconceito. E aí não é só em relação ao negro, não. Eu acho que a sociedade brasileira está tomando certa consciência do portador de deficiência, você vê a questão do carro hoje, como está mudando! Aqui no supermercado a vaga já está lá, a questão do homem, da mulher, acho que é um conjunto de mudanças que está havendo na sociedade brasileira. E quando você tem uma lei que assegura esse direito, eu acho que as pessoas pensam duas vezes.

**Muito obrigada, professor, pela atenção.**